

035

UTOPIA E REALIDADE: DUAS FACES DA GUERRILHA ANGOLANA. *Michele Z. Carvalho Jane Fraga Tutikian* (Projeto A história roubada: Angola, Mito & Guerrilha, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, UFRGS)

A leitura da história angolana feita por Pepetela ganha, neste final do projeto, a concretude revelada pelo diálogo entre suas obras, e entre elas e os documentos recolhidos à Casa dos Estudantes do Império. Se *Lueji* é portadora da história do império e sua tradição, é *Ngunga* que representa a construção de uma identidade sintonizada com a reconstrução nacional, onde a tradição começa a ser revista. Se *Yaka* recompõe a história (1890-1961) confrontando tradição/guerrilha, a verdadeira ruptura ocorrerá em *Mayombe* e *Geração da Utopia*. O primeiro, porque revela a guerrilha liberta de uma visão nacionalista idealizada para entrar em questões tribais, éticas e existenciais que fundamentam a ideologia. O segundo, porque é a obra da repensagem pós-revolucionária, (1961-1991), quando os ideais de justiça dos estudantes angolanos em Lisboa e do “novo homem” se desfazem pela imposição de um perfil discursivo de poder a que nem a tradição resiste. Eis, portanto, a marca de Pepetela na literatura angolana: a de fixador da geração da luta pela independência e, conseqüentemente, a de revisor da memória nacional quando, em seus textos, como quer Bakhtin, história e ficção são discursos em confronto.